

Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno

Quinta-feira: 20h
Sexta-feira: 14h30 e 18h

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Biblioteca

Quinta-feira: 19h30 às 21h30
Sexta-feira: 14h30 às 16h
Sábado: 18h30 às 20h30

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Grupo de Higiene Mental

(on-line)

Terça-feira: 19h30

Grupo de Apoio

Segunda-feira: 20h

Passe

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

Espiritismo para Crianças e

Mocidade

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

Domingo: 9h30 às 10h30

Tratamento Magnético

Sexta-feira: 15h e 18h30

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> , Allan Kardec/IDE-JF	Graça Paulino	Domingo, 9h30 Presencial
Cartas de Paulo	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Quinta, 19h Presencial
<i>Revista Espírita 1862</i> , Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h On-line

PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

QUINTA-FEIRA ÀS 20H

SÁBADO ÀS 19H

Venha ouvir a exposição de temas espíritas,
tomar passe e colocar o nome de pessoas
queridas na vibração.
Traga a família e os amigos!

Regulação das mídias sociais

Em dezembro de 2023, Jéssica Vitória, de 22 anos, matou-se após ver seu nome envolvido em uma notícia falsa, impulsionada pela página de fofocas Choquei. Os *prints* mostravam uma série de imagens de supostas conversas dela com o humorista Whindersson Nunes. Ambos afirmam que a troca de mensagens nunca ocorreu. Apesar da negativa deles, os ataques continuaram, e a jovem cometeu suicídio.

A circulação de desinformação, campanhas de cancelamento e linchamento, via redes sociais, é um problema com o qual precisamos lidar de forma muito séria. Há muitas camadas de responsabilidades nesse tipo de ação. A irresponsabilidade das empresas que regem as mídias sociais, diante de conteúdos que pessoas levianas e mesmo criminosos nelas propagam, tem destruído famílias, reputações e prejudicado uma vida social minimamente saudável. Uma das consequências extremas é o cometimento de suicídios.

O Projeto de Lei (PL) 2630/2020, que “institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet” prevê punição ao Facebook, Twitter, WhatsApp e Telegram por não frear a desinformação. É preciso ver se houve impulsionamento do conteúdo, se houve engajamento do conteúdo por decisão algorítmica e como se deu a atuação da plataforma para reduzir a circulação desse conteúdo. Com o PL, teríamos condições de identificar as camadas de responsabilidade das plataformas.

A regulação das mídias sociais torna-se um imperativo civilizatório, sem o qual não se pode falar em democracia ou dignidade. Segundo o Espiritismo, os que conduzem pessoas ao ato desesperado do autocídio, suportarão as consequências: “Oh! ai deles! porque responderão por homicídio” [1]. Para maximizar os lucros exorbitantes, essas empresas apostam no caos, na morte e na monetização do sofrimento.

¹ *O Livro dos Espíritos*, questão 946.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Allan Gouvêa e Gabriel Lopes Garcia
Departamento Doutrinário: Geraldo Marques e Myrianceli Jorio
Departamento Editorial: Angela Araújo Oliveira e Elisa Marques da Costa
Departamento de Evangelização: Janezete Marques e Lucas Rieger de Oliveira
Departamento Mediúnico: Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Allan de Gouvêa Pereira e Gabriel Lopes Garcia
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF. /

O que é essa tal de resignação?

IDE-JF realizará um encontro de confraternização e estudo no feriado de Carnaval, no qual serão abordados os modos como lidamos com os nossos sofrimentos.

Muitas pessoas costumam associar a postura resignada com covardia, tristeza e preguiça. É como se aquele que sofre não tivesse coragem para sair da situação desagradável, e por isso se submete passivamente. Essa atitude seria própria das almas “fracas” ou “incapazes”. Logo, não seria algo virtuoso nem sábio.

Essa desconfiança é compreensível, pois nos meios religiosos, por vezes, o discurso de resignação foi usado como ferramenta de controle social. Os líderes enfatizavam a necessidade da submissão aos desígnios de Deus, o que significava aceitar a miséria e a injustiça.

Mas esse não é o sentido de resignação dado pelos Espíritos nos livros de Kardec. Muito pelo contrário, eles entendem que se trata de uma virtude ativa, alegre, inteligente e sábia. É um conceito que se refere ao modo como o ser humano pode lidar com o sofrimento que está atravessando.

E, para justificar esse comportamento resignado, é preciso compreender os motivos das dores e dos sofrimentos da vida. O Espiritismo oferece respostas oportunas, favorecendo a aceitação consentida por parte da pessoa. Saber da justiça de Deus e da vida espiritual ajuda a mudar o ponto de vista com que se encara os acontecimentos da vida material.

É claro que operar essa transformação exige de nós muito esforço e repetição. Esse é um dos motivos pelos quais escolhemos a resignação como o tema central do evento. Queremos aprofundar a interpretação desse conceito para além do senso

comum. Desejamos escutar e aprender com as experiências de outras pessoas.

Todos nós sabemos o que é sofrer. Mas queremos descobrir meios de experimentar o sofrimento mantendo o equilíbrio interior. E fazer esse processo sem dispensar a razão, que, de alguma forma, precisa sustentar a confiança em Deus. Além disso, é uma oportunidade para amadurecer com as provas e expiações livremente escolhidas por nós mesmos.

É curioso observar que, embora possamos dizer que valorizamos a justiça e a liberdade, isso não se dá quando é das nossas dores que se trata. A revolta costuma aparecer e recusamos aquilo que previamente escolhemos. É comum se perguntar: “por que eu?” ou “por que só comigo que acontecem essas coisas?”.

A proposta espírita [1] pode ser resumida assim:

- A revolta alimenta a tristeza, a raiva e o ódio. Enquanto a resignação produz a paz e nos dá a alegria de viver, mesmo nos momentos mais difíceis.
- A revolta nos mantém ligados aos Espíritos infelizes e ingratos, aumentando nossa dor e infelicidade. A resignação aproxima de nós os Espíritos Bons, que nos ajudam no enfrentamento das dificuldades e na solução dos nossos problemas.

Existe ainda uma outra faceta a ser ponderada em nossas experiências de sofrimento. Se conseguimos praticar a resignação, ainda outros benefícios frutificam. Nessas ocasiões, percebemos que

a dor é comum a toda criatura encarnada nesse planeta, independentemente de riqueza, etnia, nacionalidade etc. Ninguém passa imune ao sofrimento neste mundo de provas e expiações.

Isso contribui para diminuir a arrogância. Isso é educativo para diminuir o orgulho, a presunção de se achar uma pessoa diferenciada, acima dos outros. Precisar do auxílio alheio nos permite uma dimensão mais justa de nossa interdependência e do quanto é importante o cuidado dos outros.

O sofrimento vivido na resignação pode também contribuir para nos fazer pessoas mais empáticas e compassivas. Ficamos mais sensíveis à dor do próximo, pois já sentimos na pele o desgosto de muitas dessas desventuras. Aprendemos a validar e respeitar o sofrimento de outras pessoas, mobilizando esforços para ajudá-las.

O sujeito resignado percebe que, quando enfrenta as maiores dificuldades, tem as maiores oportunidades de crescer em termos de força interior e sabedoria. Constata, também, que pode desenvolver sua segurança e autoconfiança. A coragem é fortalecida como consequência do sofrimento.

Esses são apenas alguns apontamentos do que vamos estudar e refletir ao longo dos quatro dias de evento. Convidamos você para se juntar a nós nesta imersão em busca de serenidade e consolo.

[1] *Os Espíritos e os homens*. Segundo diálogo. Autor: Cosme Massi. Editora: Kardec Books.

RESIGNAÇÃO – manancial de força ou de fraqueza?

• Serviço

Datas: de 10 a 13 de fevereiro

Horário: das 15h às 19h

Local: IDE-JF – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia

• Inscrições gratuitas

De 4 de janeiro a 8 de fevereiro, exclusivamente via WhatsApp: (32) 99934-0037

• Objetivos

Examinar o senso comum de resignação como postura passiva diante dos sofrimentos e estudar o conceito espírita de aceitação ativa, baseada no consentimento da pessoa e na justiça divina.

• Atividades

As abordagens do tema serão desenvolvidas em grupos de estudos e em criações artísticas.

Um relato sobre aborto

A senhora M, voluntária de uma instituição espírita no Brasil faz alguns anos, escreveu um texto relatando a sua experiência de ter praticado um aborto, há algumas décadas. Esse é um tema delicado e complexo, com muitas nuances, e que acende discussões polêmicas e calorosas. Diante desse quadro desafiador, resolvemos fazer algo que valorizamos em nossa linha editorial: escutar as pessoas. Ao trazer esse depoimento, de forma anônima para preservar o sigilo e a segurança da senhora M, não temos a intenção de julgá-la no que fez, muito menos jogá-la ao linchamento público.

Nosso propósito de ouvi-la é melhorar a compreensão das (in)decisões e das lutas que as mulheres atravessam no que se refere a continuar uma gravidez. Estamos convencidos de que é fundamental a mulher ocupar o centro do debate sobre o aborto, não na condição habitual – calada e sofrendo todo tipo de ameaça, imposição e abandono –, mas, sim, exercendo o protagonismo na condução dos debates e das propostas sobre esse tema espinhoso. A própria senhora M defende a necessidade de se investir em políticas públicas sobre métodos anticoncepcionais. Ela entende que a conscientização de prevenção da gravidez seja necessária: prevenir para não parir.

Portanto, ler a sua história é humanizar o tratamento da questão, sem julgamentos apressados. Embora o Espiritismo condene a prática do aborto, em nenhum momento nos exorta a perseguir as mulheres. Se realmente desejamos enfrentar de modo frutuoso essa problemática, precisamos escutar mais atentamente a vida e as demandas das mulheres. Do contrário,

continuaremos reproduzindo moralismo religioso e advogando punições mais severas contra o abortamento, sem qualquer resultado positivo.

Para facilitar a leitura do relato da senhora M, inserimos alguns subtítulos/tópicos para que o leitor acompanhe melhor o fluxo das suas ideias.

Considerações iniciais

O dia amanheceu ensolarado, céu de brigadeiro, mas dentro dela algo diferente acontecia.

Ela sempre acreditou na conexão corpo/mente, que as atitudes mostravam o caráter da pessoa.

Mas ainda imatura e sem entender as regras “absolutas” de uma sociedade milenar, surfava nas divagações ainda de uma mulher jovem, que não se encontrava nas ideias desse mesmo mundo.

Não achava par para suas ideias e ideais, era julgada como irônica por debater o que não aceitava, o que não achava justo e contrapunha assuntos que não podiam ser debatidos.

Como aceitar um mundo onde ela por ser mulher havia de aceitar calada tantas regras obsoletas para seu modo de pensar e viver?

A liberdade de ser o que queria trazia altíssimos tributos... Às vezes, a solidão; às vezes, o ódio e confronto com o que se dizia padrão.

Ser independente financeiramente, debater as questões na mesa do bar, usar a roupa que queria, bem como aprender e agir como e dentro do mundo masculino, dona de si, consciente de que meninos detêm privilégios desde sempre naturalmente.

Mas tudo cansa, e ela cansou e permaneceu calada, mas com as ideias entranhadas dentro de si, como se agarrar a um galho na beira do abismo para não cair sem rumo e infinitamente.

As imposições sempre embrulhadas de responsabilidade iam aumentando à medida que o tempo passava. Uma família para ensinar a sobrevivência do dia a dia e a vida para viver.

Mas como seguir sem ser dona de si mesma?

Ser mulher é ter que se curvar ao mundo, aceitar, ser punida e culpada mesmo que não se faça nada.

Muitas vezes, o que sentimos e fazemos não é compreendido por pura má vontade ou porque as coisas são desde sempre assim.

E assim, diante disso tudo, às vezes, as decisões mais difíceis e que mais doem têm que ser tomadas...

Esse texto anterior me coloca diante da minha opinião sobre o aborto e sobre minha decisão pessoal.

Quanto artifício para nos manter re-féns, sem direito ao próprio corpo.

Ter direito a escolhas, ter responsabilidade sobre essas escolhas é o mais importante.

E hoje quando debatem ou se calam sobre tantos temas polêmicos, como o aborto, dentro de uma religião, me espanto de ainda ser tão estrutural a ideia da Eva, a que traz a marca do pecado.

Acredito que seja mais fácil para a sociedade como um todo condenar sem debater, “condenar ou criminalizar pessoas sempre é uma forma de não enfrentamento de um problema.” (Padre Júlio Lancelotti)



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

Primeiro acredito que devamos deixar a culpa e a punição das coisas para debater qualquer tema polêmico.

Dentro do Espiritismo, principalmente.

Não penso que minhas ideias sejam absolutas e creio que são de uma construção subjetiva, como todos nós aqui no planeta. Estamos em constante aprendizado.

Doutrinariamente, se não entendemos e aceitamos os erros ou acertos dos outros, estamos equivocados sobre livre-arbítrio, aprendizado, evolução...

Não quero, nesse ponto da questão, abonar erros ou justificá-los, mas encarar de frente as decisões que tomamos pela vida.

Contextualizando minha decisão

Em outra gravidez, fui convidada a fazer um aborto pela família para que tivesse um futuro profissional melhor, pois ser mãe não deixa tempo para crescer profissionalmente, por conta de ser acima de tudo cuidadora, ou seja, a responsabilidade de uma criança na maioria das vezes recai sobre a mulher, mas não fiz, deixei a gravidez concretizar.

Depois, no decorrer do casamento, tive uma decisão pessoal de não ter mais filhos, além do que já tinha. Decisão que coloquei como regra para qualquer relacionamento, deixando livre a escolha de aceitar ou não para o companheiro.

Quando aconteceu, mais tarde, a gravidez, me senti desrespeitada, coagida a ter um filho que não era minha escolha. Na época, não era espírita. Mas tinha noção perfeita de que seria um ato pesado.

Percebi que havia a intenção de controle de minha vida pessoal com a gravidez, e o que parecia accidental foi planejado com muita perfeição, e não consegui aceitar o fato de estar grávida e de gerar um filho que realmente não queria. Imaginei que odiaria esse filho por me fazer lembrar as

consequências de minha vida controlada e dos meus sonhos perdidos. Ser mãe sempre exige renúncias...

E tomei a decisão de abortar.

Sentimentos antes, durante e nas semanas seguintes ao aborto

Foi imensamente difícil e dolorido, física e emocionalmente. Fiz tudo sozinha. Numa clínica, com um médico, mas sozinha.

Descobri que estava grávida porque sentia um coração batendo, como um latejar dentro de meu útero. Senti medo e pavor pela situação, me senti mal antes, não tem como se sentir bem tomando esse tipo de decisão; passei muito mal na hora do procedimento e senti muito medo também, e nas semanas seguintes senti uma fragilidade enorme.

Contando para outras pessoas

Durante anos mantive segredo, por medo de as pessoas não entenderem minha decisão.

Apenas meu marido sabia. Anos depois, contei para minha mãe, depois para minhas filhas e apenas as pessoas mais íntimas sabem.

Não tenho mais problema em falar sobre, então, não percebo o julgamento das pessoas, mas sei que ele existe. Tem sempre a questão de ser espírita e fazer algo como o aborto. Mas a questão é que estamos aqui para aprender, óbvio que não vamos acertar tudo. Tento fazer minha parte no mundo com o que tenho de melhor.

Já compartilhei no meio espírita, não diretamente, e teve uma reação negativa. As pessoas tendem a justificar os casos em que pode ser feito o aborto... O aborto certo e o aborto condenado... para mim, é tudo aborto. Causa diferente, mas finalidade e consequência igual.

Culpa e Espiritismo

Não me arrependo e não alimento culpa nem remorso. O que foi feito está feito.

Estamos no mundo passando as vicissitudes e cada um reage de uma forma, certa ou errada. Tento fazer melhor, claro que foi um aprendizado e tanto.

No meu caso foi o inverso, tive outras gravidezes anteriormente.

Não era espírita, não conhecia o Espiritismo como hoje.

Minha opinião é que cada um tem o direito de fazer suas escolhas, pois as consequências são da própria pessoa, e devemos respeitar sempre.

Penso que sempre é tempo de refazer de maneira certa. Não acho que vou expiar no plano espiritual. Logo após fazer, vivi muito tempo com culpa e fiquei paralisada num inferno pessoal, só tendo pena de mim mesma. Quando saí dessa situação, através do estudo no Espiritismo e das ações para melhoria de mim mesma e do mundo, percebi que poderia já nessa vida “acertar” umas contas....

Descriminalização em julgamento no Supremo Tribunal Federal

Penso que é muito importante que seja legalizado. Vivemos numa sociedade com muitas diferenças sociais e seria completamente insano pensar que uma mulher possa morrer por fazer um aborto sem condições corretas, pensando que isso é castigo e que não deveria fazer. Cada um sabe de suas decisões e consequências.

O ideal é viver num mundo onde as pessoas possam escolher fazer o bem para si e para o próximo. Mas qual a possibilidade de hoje isso ser possível?

Ainda temos uma longa jornada pela frente, mas sem debates e discussões nunca haverá progresso.



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

O Espiritismo é a favor da educação religiosa na escola?

Priscilla Pellegrino

Ao rolar a tela do celular em uma rede social, deparei-me com o seguinte meme provocador: “Você é a favor do ensino religioso na escola? Todas ou só a sua?”. Lembrei-me de minha experiência pessoal como aluna do sistema público brasileiro na década de 1980. Fiz catecismo dentro da escola na quarta série do ensino fundamental, confessei-me com o padre dentro de uma sala de aula e fiz a primeira comunhão no fim do ano. Turmas de crianças de 10 anos de idade aprendiam, através das professoras, que deveriam estar puras para receber o corpo de Cristo pela primeira vez, que não poderiam estar em pecado.

A Constituição Federal Brasileira, desde 1891, declara que o nosso Estado é laico. Isto é, neutro no campo religioso, não regido por religiões. O Brasil não possui religião oficial, apesar de a maioria dos brasileiros se declararem cristãos. Isso significa que a pluralidade de crenças, cultos e manifestações religiosas deve ser respeitada com igualdade. Da mesma forma, quem é ateu ou agnóstico deve ter seu direito resguardado pelas leis brasileiras.

Acontece que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, artigo 33 (1996), permite o ensino religioso nas escolas, salientando que “de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.” A lei também diz que a oferta da disciplina é obrigatória nas escolas que possuem ensino fundamental, mesmo que

a matrícula seja optativa. Sim. Você leu corretamente. A oferta é obrigatória.

Em 2017, houve uma atualização em relação ao tema quando o Supremo Tribunal Federal, além de considerar o artigo 33 constitucional, ainda permitiu que o ensino religioso nas escolas brasileiras possa ter caráter ‘confessional’, ou seja, aquele cujo ensino siga uma religião específica, desconsiderando uma discussão mais ampla acerca de outras crenças – o que seria considerado ‘não confessional’. Se na teoria não pode haver proselitismo religioso (conversão ou convencimento) nas instituições de ensino brasileiras, como respeitar a diversidade religiosa e a liberdade de escolha após essa decisão?

Na prática, o que ocorre em nosso país é o ensino religioso direcionado para determinada fé, de maneira explícita, no caso de escolas particulares vinculadas a certas religiões, já que muitas são tradicionalmente católicas ou protestantes, por exemplo. No entanto, há escolas privadas desvinculadas das instituições religiosas que não oferecem ensino religioso, as quais são minoria. No caso das escolas públicas, seus administradores ou coordenadores pedagógicos dizem que o caráter da disciplina é ecumênico. Isso quer dizer que o ensino leva em consideração princípios religiosos baseados em todas as religiões cristãs. Portanto, não importa se o aluno é católico, protestante ou evangélico, já que teoricamente os valores são os mesmos.

Porém, o Brasil não é um país cuja população é exclusivamente católica ou protestante. Dentro de nossa pluralidade

de religiões e crenças, há aqueles que são judeus, muçulmanos, umbandistas, candomblecistas, espíritas, budistas etc. Além disso, como mencionado anteriormente, há pessoas que se declaram ateias ou agnósticas. Sendo assim, como ensinar sobre religião de forma ecumênica ou universal? Que livro sagrado deve ser adotado como fundamento ou objeto de reflexão? Quem é o profissional adequado para lecionar a disciplina?

Existe o argumento da matrícula facultativa na disciplina: caso o aluno não queira participar da aula de religião, pode realizar outra tarefa naquele tempo. Mas será que todas as escolas brasileiras possuem atividades educativas alternativas para essas crianças? E qual é a mensagem que a escola passa para os alunos que não se encaixam no “ensino religioso tradicional brasileiro”?

Dentro do Espiritismo, podemos pensar a partir da Lei de Liberdade e do papel da família na educação dos filhos. No item 838 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta: “Toda crença é respeitável, mesmo que seja notoriamente falsa?”; os Espíritos respondem que “toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem.” Kardec vai além e lança uma outra questão (839): “É repreensível escandalizar, na sua crença, aquele que não pensa como nós?” E a resposta é certa: “É faltar com a caridade e golpear a liberdade de pensar”. Por que, então, permitir o ensino religioso de forma confessional em nossas escolas como decidiu o STF?

As federações espíritas brasileiras geralmente se opõem a esse tipo de ensino nas escolas por entenderem que:



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa e Lyderson Viccini

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

- a) ele contribui para um problema que já é preocupante em nosso país: o preconceito e a intolerância religiosa. Principalmente quando se trata de religiões de matriz africana e indígena.
- b) a família tem o dever de educar a criança para o bem, como é salientado em O Evangelho segundo o Espiritismo (capítulo XIV, item 9): “quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus”.

Sabemos que a educação é de grande valia para o Espiritismo e que o papel da escola é, além de instruir, educar. No entanto, antes da escola, vem a família com seu dever na educação do ser espiritual em seus primeiros anos no plano terrestre. Isso inclui a educação religiosa e moral. Como espíritas, recomendamos veementemente a evangelização da criança dentro dos preceitos do Espiritismo, incluindo sua participação na prática do culto do lar no seio da família. Obviamente, cada família tem o direito de instruir/educar seus filhos segundo suas fés religiosas da maneira que julgarem corretas. Mas isso não significa que a escola possa fazer o mesmo.

Há 90 anos, foi lançado no Brasil *O Manifesto dos Pioneiros*, texto que contava com educadores e escritores em favor da educação pública, universal e laica no Brasil. Um dos apoiadores do ideal foi o jornalista e filósofo espírita José Herculano Pires (*Manifesto pela escola pública e laica*). Em uma citação direta, ele afirmou que a luta deveria ser “incessante contra o ensino religioso nas escolas, por constituir instrumento de coação das maiorias religiosas contra as minorias, o elemento de condicionamento

das consciências, conseqüentemente, de deformação do ensino e da educação.” A passagem do pensador pode parecer muito radical para os parâmetros atuais, mas não devemos nos esquecer de nossa história, no que diz respeito à imposição religiosa católica na formação de nossa sociedade.

Historicamente, o Brasil possui um passado de violências religiosas contra os povos indígenas, africanos e imigrantes que não seguiam a fé católica imposta pelos colonizadores. Essa herança de imposição migrou para os ambientes escolares e vigorou aparentemente até a Constituição de 1988, a qual assegura a liberdade religiosa em nosso país. Como vimos, o ensino religioso continua fortemente presente em nossas escolas, porém, houve alterações teóricas nas últimas décadas no sentido de haver a possibilidade de se trabalhar o assunto religião de forma não confessional, plural e histórica.

Em 2004, a Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE) foi fundada a partir do Instituto Espírita de Estudos Pedagógicos (1998). Presidida pela educadora espírita Dora Incontri, a ABPE propõe a possibilidade de educação religiosa espírita no âmbito escolar formal pensando também o ensino das religiosidades, alegando que “conhecer o universo religioso, delimitando as próprias crenças, em relação às crenças diferentes, admitindo que todas elas têm valor intrínseco, e procurar um diálogo saudável entre as diversas tradições pode fazer o homem situar-se no mundo de forma muito mais segura e fraterna.” Entretanto, como os espíritas não compõem maioria religiosa no Brasil, será que falar sobre reencarnação e comunicação com os espíritos no ambiente escolar seria algo aceito por pais ou familiares cujas crenças religiosas ainda demonizam o Espiritismo?

Esse pensamento otimista de Incontri parece estar de acordo com as novas propostas educacionais teóricas contidas na Base Nacional Comum Curricular (2017), a qual coloca o ensino religioso como uma área de conhecimento de nossa educação formal e os objetivos da disciplina passaram a ser os seguintes:

1. Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
2. Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
3. Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
4. Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.

Parece-me que o reforço de que o “correto” é ser “cristão tradicional” faz sofrer a sociedade e fere as escolhas individuais e os ensinamentos das famílias em relação ao assunto. O lar e as instituições religiosas diversas são os educandários por excelência para os ensinamentos religiosos. A escola, a meu ver, embora tenha cada vez mais participação na vida dos indivíduos, para além das disciplinas convencionais, deveria se ater em adotar disciplinas que discutam ética, respeito e princípios de cidadania, sem o viés de determinada fé religiosa.

Referências:

<https://www.oconsolador.com.br/ano6/278/especial2.html>

<http://www.mundoespírita.com.br/?materia=o-ensino-religioso-e-a-laicidade-do-estado>

<https://www.febnet.org.br/portal/2023/10/23/momento-feb-intolerancia-religiosa/>

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

https://espiritualidades.com.br/Artigos/i_autores/INCONTRI_Dora_e_BIGHETO_Alessandro_tit_Ensino_religioso_sem_proselitismo.htm

https://www.canteiroideias.com.br/2015/11/a-contribuicao-espírita-no-debate-da_7.html

Quietude

Gabriel Lopes Garcia

Procura-se por silêncio

Urbano

Mental

Emocional

Procura-se no silêncio

Serenidade

Sossego

Paz

Procura-se o silêncio

Contemplativo

Transcendente

Introspectivo

Minha busca existencial

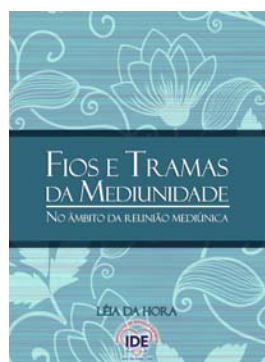
Silêncio-oração

Silêncio-meditação

Silêncio-nirvana



Imagem: Pixabay.

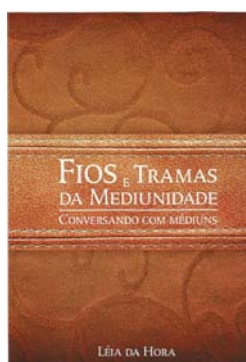


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria